

Como se constroem e reconstroem os objetos-de-discurso*

Ingedore G. Villaça Koch**
Universidade Estadual de Campinas / CNPq

Resumo

O trabalho trata inicialmente das várias formas de introdução, no texto, dos objetos-de-discurso, para, em seguida, discutir os processos de categorização e recategorização de tais objetos, buscando ampliar reflexões anteriores sobre esse tema. Será demonstrado que as expressões nominais são fundamentais nos processos de construção, categorização e recategorização dos objetos-de-discurso, sendo em grande parte responsáveis pelo desenvolvimento do tópico discursivo. São, portanto, elementos cruciais na construção textual dos sentidos.

Palavras-chave: sociocognitivismo; referenciação; objetos-de-discurso; categorização.

Abstract

This article treats initially the various forms of the introduction of discourse objects in the text. It then discusses the processes of categorization and re-categorization of such objects, in order to expand earlier reflections on this theme. It will be demonstrated that nominal expressions are fundamental in the processes of construction, categorization and re-categorization of discourse objects, being largely responsible for the development of the discursive topic. They are, therefore, crucial elements in the textual construction of meaning.

Key words: social cognition; referentiation; discourse objects; categorization.

Résumé

Ce travail discute d'abord les formes d'introduction des objets de discours dans le texte et, dans la suite, les processus de catégorisation et recatégorisation de ces objets, afin d'approfondir les réflexions sur ce

* Recebido em 25/09/2008. Aprovado em 06/10/2008.

** Doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1981), atualmente é professora titular da Universidade Estadual de Campinas.

Recebido em 25/09/2008. Aprovado em 06/10/2008.

sujet. On montrera que les descriptions nominales définies sont fondamentales dans les processus de construction, de catégorisation et recatégorisation des objets de discours, en même temps qu'ils sont responsables en grande partie par le développement du thème du discours. Il s'agit donc des éléments essentiels dans la construction textuelle du sens.

Mots-clé: sociocognitivisme; référenciation; objets de discours; catégorisation

Introdução

Neste artigo, com o qual homenageio o amigo querido — quase irmão — Luiz Antônio Marcuschi, proponho-me trabalhar com mais uma das inúmeras facetas da referenciação, tema comum de nossas reflexões nas últimas duas décadas.

Tratarei inicialmente das várias formas de introdução, no texto, dos objetos-de-discurso, para, em seguida, discutir os processos de categorização e recategorização de tais objetos, buscando ampliar reflexões anteriores sobre esse tema.

Desta maneira, espero estar contribuindo para o desenvolvimento científico da área de Linguística Textual, tal como ela vem sendo atualmente concebida.

1. Formas de introdução de objetos-de-discurso

Parto do pressuposto de que a **referenciação é uma atividade discursiva** (Koch 2006; 2004 1999; Marcuschi; Koch 1998a; Koch; Marcuschi 1998b; Marcuschi 2003), posição também defendida por Mondada & Dubois (1995:278ss), que as leva a postular uma instabilidade das relações entre as palavras e as coisas.

Entendem Mondada & Dubois que as categorias utilizadas para descrever o mundo alteram-se tanto sincrônica quanto diacronicamente: quer nos discursos ordinários, quer nos discursos científicos, elas são antes plurais e mutáveis, do que fixadas normativa ou historicamente. Salientam que é necessário considerar a referência aos objetos do mundo físico e natural no seio de uma concepção geral dos processos de categorização discursiva e cognitiva tal como são considerados nas práticas situadas dos sujeitos. Diz Mondada (1994:97)

A análise etnometodológica das categorias permite mostrar que elas são sempre construídas num contexto interacional, de forma situada e com fins práticos. A questão da adequação referencial não pode

ser posta sem a concepção de que a referência é construída local e interativamente, e não dada por critérios a priori em relação com uma realidade independente.

A língua não existe, portanto, fora dos sujeitos sociais que a falam e fora dos eventos discursivos nos quais eles intervêm e nos quais mobilizam suas percepções, seus saberes quer de ordem lingüística, quer de ordem sócio-cognitiva, ou seja, seus modelos de mundo. Estes, todavia, não são estáticos, (re)constróem-se tanto sincrônica como diacronicamente, dentro das diversas cenas enunciativas, de modo que, no momento em que se passa da língua ao discurso, torna-se necessário mobilizar conhecimentos — socialmente compartilhados e discursivamente (re)construídos —, bem como situar-se dentro das contingências históricas, para que se possa proceder aos encadeamentos discursivos.

Passa-se, assim, a postular que a referencialização, bem como a progressão referencial, consistem na construção e reconstrução de objetos-de-discurso, posição que se encontra assim explicitada em Apothéloz & Reicher-Béguelin (1995:228):

De maneira geral, argumentaremos [...] em favor de uma concepção construtivista da referência [...]; assumiremos plenamente o postulado segundo o qual os chamados 'objetos-de-discurso' não preexistem 'naturalmente' à atividade cognitiva e interativa dos sujeitos falantes, mas devem ser concebidos como produtos — fundamentalmente culturais — desta atividade

Em outras palavras, os objetos de discurso são dinâmicos, isto é, uma vez introduzidos, vão sendo modificados, desativados, reativados, recategorizados, de modo a construir-se ou reconstruir-se o sentido no curso da progressão textual.

O primeiro passo na construção de um texto é a introdução de um objeto-de-discurso na memória textual¹ (em geral, por meio de um nome próprio ou forma nominal). Isto é, um novo objeto-de-discurso é construído e introjetado na memória, onde vai preencher um nódulo, ou seja, passar a ter um endereço cognitivo, de modo a ficar em foco e disponível para retomadas ou remissões.

Quando a introdução se faz por meio de um nome próprio, tem-se apenas a nomeação do objeto. Já no caso de se tratar de uma expressão

¹ Trata-se da representação na memória dos interlocutores dos objetos-de-discurso e dos atributos/predicações que lhes são atribuídos no texto.

nominal, opera-se uma primeira categorização do objeto-de-discurso, o qual, a cada retomada, pode ser mantido como tal ou, então, recategorizado por outras expressões nominais.

Por vezes, a introdução se faz por meio de um pronome catafórico. Trata-se de um recurso bastante utilizado em textos de caráter retórico, em narrativas de suspense e mesmo em matérias opinativas de periódicos: protela-se a enunciação do objeto, com o fim de convidar o interlocutor a uma especulação sobre qual seria, afinal, o objeto em tela, como acontece no exemplo (1):

(1) **Ele** era verde, tinha quatro braços e o corpo coberto de escamas; mas o que mais chamava a atenção **no extraterrestre** era a sua paciência. (Luiz Fernando Veríssimo, *Fantástico, Veja*, 14/08/1985, p.21)

Uma vez criado um objeto-de-discurso, pode ocorrer a sua retomada (com ou sem recategorização) ou pode haver simples remissão a este objeto. Desta forma, o objeto retomado ou ao qual se faz a remissão vai permanecer em foco, originando-se, assim, uma cadeia referencial.

Por outro lado, pode ocorrer a desativação/desfocalização do objeto-de-discurso que se encontrava anteriormente em foco, passando então a ocupar posição marginal, ou seja, nos termos de Schutz (1970), deixando a posição de *tema* e passando para o *horizonte*, para dar lugar a um novo objeto que passará a ocupar o foco. O objeto desativado, contudo, permanece em estado *stand by*, disponível, portanto, para voltar ao foco sempre que necessário.

Assim, após um período de afastamento, o objeto pode ser trazido de volta ao foco, dando continuidade à cadeia referencial anteriormente iniciada.

A ativação de objetos-de-discurso pode ser *ancorada* e *não ancorada*.² No primeiro caso, tem-se a introdução na memória de um objeto-de-discurso totalmente novo, sem qualquer apoio (âncora) no texto, ao passo que, no segundo, embora se trate também de um objeto novo, o texto contém âncoras cognitivas com base nas quais ele poderá ser interpretado.

São casos de ativação ancorada as anáforas indiretas e associativas, bem como as expressões anafóricas por meio das quais se criam novos objetos-de-discurso, ao operar-se a sumarização/encapsulamento de segmentos textuais, quer por meio de

² Tomo emprestados aqui, de forma bastante livre, os termos cunhados por Prince (1981)

pronomes neutros (isto, isso, aquilo, o), quer por meio de expressões nominais, quando, então, ocorre a *rotulação*.

1.1 Anáforas associativas e indiretas

No caso das anáforas associativas e indiretas de modo geral, um novo objeto-de-discurso é introduzido, sob a capa de informação dada, em virtude da existência de algum tipo de associação com outros objetos já presentes no co-texto ou no contexto sociocognitivo, que é passível de ser estabelecida por inferenciação, a partir de um frame cognitivo ou de conhecimentos enciclopédicos de modo geral.

A estratégia de *associação* consiste, pois, no emprego de expressões definidas anafóricas, sem a presença de um referente explícito no texto, mas que é inferível a partir de outros objetos nele explícitos, que funcionam como âncoras. Em outras palavras, trata-se de uma configuração discursiva em que se tem um anafórico sem antecedente literal explícito (portanto, não condicionado morfossintaticamente por um SN anterior), cuja ocorrência pressupõe um *denotatum* implícito, que pode ser reconstruído, por inferência, a partir de algum elemento do cotexto precedente. Podem-se assinalar, portanto, as seguintes características prototípicas:

- a. a expressão em anáfora associativa — SN2 — introduz, sob o modo do conhecido, um referente novo (portanto, não há correferência): supõe-se que o interlocutor possua os conhecimentos necessários para “saturar” a interpretação referencial;
- b. há menção prévia de um outro referente — SN1 — que fornece os elementos necessários para a saturação do referente novo;
- c. é uma anáfora indireta, isto é, há necessidade de proceder a inferências para a saturação adequada do SN2. Daí a denominação de *anáfora inferencial*. Observe-se os exemplos (2) e (3), em que o encadeamento se dá sem correferenciação, possibilitando, no entanto, a progressão referencial:

(2) As jovens trabalhadoras encontravam-se ali reunidas. **Mãos** finas e delicadas teciam as mais graciosas rendas. **Olhos e lábios** pareciam sorrir.

(3) O governo parece estar pouco preocupado com o recrudescimento da inflação. **Eles** só se preocupam, no momento, com as eleições que estão à porta.

Verifica-se, assim, que a anáfora associativa explora relações meronímicas, ou seja, todas aquelas em que entra a noção de ingrediência, tal como descrita por Lesniewski (1989). Incluem-se aqui não somente as associações metonímicas *stricto sensu*, mas também todas aquelas relações em que, em virtude de um frame cognitivo, um dos elementos pode ser considerado ‘ingrediente’ do outro, conforme se verifica em (4), em que **casarão, plantações, instrumentos agrícolas, terreiro** fazem parte do *frame* **fazenda**, o que lhes permite serem introduzidos sob o modo do conhecido, pelo artigo definido:

(4) Chegamos à fazenda abandonada. **O velho casarão** encontrava-se em ruínas. O mato havia invadido por completo **as plantações. Os instrumentos agrícolas** estavam jogados no **terreiro**, completamente imprestáveis. Nenhum sinal de vida permitia imaginar a opulência que ali havia imperado em tempos passados.

No caso anteriormente mencionado de introdução catafórica de objetos-de-discurso, estes vão sendo, muitas vezes, construídos metonimicamente, ou seja, acionam-se, passo a passo, elementos de um frame ou modelo cognitivo, de modo a permitir, dessa forma, a construção do objeto. Veja-se o exemplo (5):

(5) Estávamos todos, aqui da vizinhança, acostumados a vê-**lo**, parado em frente à casa dos gatos.
Eu **o** conhecia havia quatro anos.
Quieto, acabrunhado, um **farol** arrebetado, a **pintura** que foi gelo adquirindo cor macilenta. Estilhaços de **ferrugem**. Os **pneus** duraram algum tempo, murcharam, carecas. Os **cromados** cheios de pontos negros.
Mas os **vidros**, misteriosamente intactos.
O fusquinha acabou uma espécie de mascote. [...] (Ignácio de Loyola Brandão, *Agora há um vazio na rua*, Shopping News.)

Já no exemplo (6), o que se tem é uma anáfora indireta, cuja interpretação vai exigir do leitor/ouvinte operações mais sofisticadas de ordem conceitual. No caso, **estátua de mármore** e **obra** é que vão ancorar a interpretação de **a homenagem**, embora não se trate aqui de uma relação léxico-estereotípica (condição estabelecida por Kleiber (1994:2001), como também por vários outros autores, para a existência de uma anáfora associativa), mas sim de uma relação indireta que se constrói inferencialmente, a partir do co-texto e com base em nosso conhecimento de mundo de que a construção de uma estátua constitui

uma homenagem à pessoa retratada. Trata-se, portanto, de uma anáfora indireta.

(6) O astrônomo italiano Galileu Galilei (1564- 1642), perseguido pela Inquisição católica ao proclamar que a Terra não era o centro do Sistema Solar, ganhará uma estátua de mármore em tamanho natural nos limites do Vaticano. A obra ficará no alto da colina que aponta para a cúpula da Basílica de São Pedro. **A homenagem** é organizada pela Academia Pontifícia de Ciências, que teve Galileu em seus quadros até que ele, com a ajuda do telescópio revolucionário para a época, confirmou a teoria do polonês Nicolau Copérnico (1473-1543). (Pesquisa FAPESP 146, abril de 2008, p. 27)

1.2 O encapsulamento

O encapsulamento — que considero também uma forma de ativação ancorada — constitui uma atividade essencialmente metadiscursiva, visto que o produtor do texto se debruça sobre partes do discurso já produzido, resumindo-as por meio de um pronome ou de uma expressão nominal. Neste segundo caso, ao atribuir-lhes um rótulo, cria novos objetos-de-discurso. Em outras palavras, o rótulo vai categorizar o segmento resumido de uma certa maneira, de acordo com a avaliação que o locutor faz do seu conteúdo ou de sua enunciação.

Em seguida, no desenrolar do discurso, essa categorização pode ser mantida ou, então, podem ocorrer recategorizações ao longo da cadeia discursiva. Tanto a categorização como a recategorização são, em grande parte, responsáveis pela orientação argumentativa do texto.

Os encapsulamentos, que se efetivam quer por meio de formas pronominais neutras, como *isto*, *isso*, *aquilo*, *o*), quer de expressões nominais (definidas, demonstrativas ou indefinidas), têm maior custo de processamento que as anáforas indiretas: seleciona-se um segmento textual de extensão variada e constrói-se, com base nele, uma entidade discursiva, a qual passa a constituir um referente para futuras predicções (Francis 1994; Schwarz 2000; 2001; Müsseler; Rickheit 1990; Conte 1996). Para tanto, o produtor do texto necessita ter bem claro o segmento textual que vai encapsular; e, por outro lado, ao leitor caberá identificar exatamente a porção de texto encapsulada, para chegar à interpretação adequada. Esse procedimento exige tanto do produtor como do interlocutor a habilidade cognitiva de *formação de complexos* (cf. Müsseler; Rickheit 1990).

Trata-se, assim, de anáforas complexas (cf. Manfred Consten; Mareile Knees 2004; 2007; 2008), ou seja, expressões nominais que

selecionam antecedentes sentenciais ou antecedentes ainda mais longos que a sentença, proposicionalmente estruturados, tais como eventos, estados, fatos, ações. No que diz respeito à sua função textual, as anáforas complexas não só servem como meios de continuidade, como também efetuam a progressão do fluxo informacional, ou seja, são simultaneamente temáticas e remáticas. Visto que o processo de complexificação (re)constrói o conteúdo pré-mencionado como uma entidade discursiva unificada, as anáforas complexas desempenham uma função central no estabelecimento da coerência textual. Observe-se o exemplo:

(7) Um grupo de cientistas americanos e suíços anunciou na semana passada uma importante descoberta na compreensão dos mecanismos do cérebro. Eles concluíram o primeiro mapa da rede de neurônios existente no córtex cerebral, *região do cérebro responsável pelo raciocínio, planejamento e coordenação das atividades das outras áreas associadas a funções mais especializadas*. Ou seja, os pesquisadores descobriram quais são os caminhos percorridos na transmissão de informações de um neurônio a outro na região que comanda o cérebro.

[...] **O estudo** foi publicado na edição online do jornal científico *PloS Biology*.

[...] **A conquista** foi obtida a partir do uso (em cinco voluntários) de uma nova tecnologia de exame de imagem batizada de “imagem de espectro difuso”. Trata-se de uma evolução da ressonância magnética que permitiu aos pesquisadores estimar a densidade e a orientação das conexões entre os neurônios. **A eficácia de sua utilização** foi outro motivo de comemoração. Os resultados precisos indicados pelo exame o colocaram como um método com grande potencial para diagnóstico de lesões e doenças neurológicas e psiquiátricas. (*ISTO É*, no. 2018, Ano 31, 9/07/08, p.79)

O que ocorre, portanto, nesses casos, é um processo de sumarização crescente com respeito a categorias ontológicas. Podem-se distinguir complexificações relativamente neutras e complexificações alteradoras de ontologia e propor uma “condição de sumarização” (*abstractness constraint*), que permite explicar a resolução da ambigüidade de certos tipos de anáforas complexas (*Manfred Consten; Mareile Knees* 2007). Veja-se, a propósito, o seguinte exemplo de encapsulamento por pronominalização:

Após violenta discussão com Maria, Pedro saiu de casa para espalhar-se. Ao voltar, encontrou-a caída no banheiro, com um vidro de pílulas na mão. Ele devia tê-lo imaginado. Não era a primeira vez que **isso** acontecia.

Observe-se que o pronome **o** encapsula “a possibilidade de Maria vir a tentar suicídio”, que necessita ser deduzida de todo o co-texto, ao passo que **isso** encapsula a tentativa efetiva de suicídio.

Imagine-se, então, em se tratando de expressões nominais (definidas ou indefinidas), isto é, quando, além do encapsulamento, se procede a uma *rotulação* do segmento encapsulado, o quanto a clara delimitação desse segmento se torna decisiva para a escolha de um rótulo adequado.

2. Atividades de categorização/recategorização

Passemos, agora, ao exame das principais atividades de categorização e recategorização de objetos-de-discurso, quer se trate de introdução, quer de retomada, remissão ou encapsulamento.

Conforme foi dito acima, a introdução de objeto-de-discurso pode dar-se por meio de nomes próprios, pronomes ou expressões nominais. Neste último caso, tem-se sempre uma primeira categorização do objeto, como ocorre com *Um grupo de pesquisadores americanos e suíços*, no exemplo (7) acima. Nos casos de retomada de um nome ou pronome por meio de uma expressão nominal, também ocorre categorização (exemplo 8), ao passo que na retomada de expressão nominal por expressão nominal opera-se, em geral, uma recategorização (exemplo 9):

(8) Faleceu, no Rio, Dorival Caymi. As canções do **grande compositor baiano que tão bem pintou a Bahia em muitas de suas composições** encantaram mais de uma geração, tornando-se clássicos da MPB.

(9) Muita gente que foi comemorar a entrada de 2008 no litoral paulista teve de trocar a praia pelo pronto-socorro para tratar os vergões causados por bolhas flutuantes repletas de tentáculos. [...]

Eram caravelas-do-mar, colônias que também incluem as águas-vivas. A parte inflada, o flutuador, é a base da colônia. Desse indivíduo brotam todos os outros, os zoóides, com formas tão belas e diversas que o conjunto lembra um carro alegórico de Carnaval. [...]

Essas alegorias viajam mar afora carregadas por ventos e correntes marítimas (...). (Pesquisa FAPESP 146, abril de 2008, p.71)

Já nos casos de remissão, como nas AA e AI, visto que há a introdução de um novo referente, tem-se uma primeira categorização deste. Por vezes, quando a remissão se faz por meio de pronome, pode acontecer uma recategorização do antecedente que funciona como âncora, como se pode observar no exemplo (3) acima.

Na rotulação, por sua vez, ao nomear um segmento textual encapsulado, criando um novo objeto-de-discurso, o rótulo opera sempre uma categorização. Rótulos sucessivos para uma mesma porção encapsulada, numa cadeia referencial, produzem uma seqüência de recategorizações, conforme se pode verificar nos exemplos (7) acima e em (10):

(10) A China e a União Européia podem ajudar a mudar o modelo energético global se atuarem conjuntamente no desenvolvimento de tecnologias de baixa emissão de carbono. **A proposta** é o carro-chefe de um relatório apresentado pelo instituto Chatham House e pela Academia Chinesa de Ciências Sociais. **A análise feita pelos pesquisadores** destaca os desafios comuns enfrentados pela China e pela União Européia, a despeito das diferenças de suas economias. (exemplo adaptado da Revista Pesquisa no. 146, abril de 2008, p.26).

É preciso frisar, aqui, que todos os rótulos contêm algum grau de subjetividade, pois, no momento em que o produtor, ao rotular segmentos textuais, constrói um novo objeto de discurso, ele procede a uma avaliação desses segmentos e escolhe aquele rótulo que considera adequado para a realização de seu projeto de dizer. Mesmo no caso dos rótulos ditos 'de conteúdo', há sempre uma escolha e esta será significativa em maior ou menor grau. Daí a precariedade da distinção feita por alguns estudiosos entre rótulos 'de conteúdo' e aqueles que atuam de forma metadiscursiva com relação ao que foi ou será dito (cf. Koch 2007).

Por exemplo, o fato de o produtor rotular o conteúdo que está sumarizando como **fato, episódio, acontecimento, evento, cena** constitui sempre uma opção que, embora possa parecer 'neutra', não deixa de ser significativa. Pode-se facilmente observar nos exemplos abaixo, a diferente força argumentativa resultante do uso de determinado rótulo e não de outro, como fica patente nos exemplos:

(11) Acredita-se que o ser humano poderá um dia controlar seus instintos, sentimentos e ambições, de modo a tornar a Terra um planeta de paz e fraternidade. **A hipótese** merece credibilidade e vale a pena pagar para ver.

(11') Acredita-se que o ser humano poderá um dia controlar seus instintos, sentimentos e ambições, de modo a tornar a Terra um planeta de paz e fraternidade. **Esse delírio** só poderia ser fruto de mentes pouco realistas.

Mas é evidente, também, que o grau de argumentatividade vai variar de um tipo de rótulo para outro. É possível, portanto, falar numa escala de argumentatividade, ao longo da qual os rótulos podem ser situados, desde aqueles aparentemente neutros, ou seja, em que o produtor **opta** por apresentar seu discurso como neutro, 'afivelando a máscara da neutralidade', até aqueles dotados de elevada carga argumentativa.

Caso especial constituem os rótulos que revelam uma atitude metaenunciativa do produtor com relação a uma denominação anterior presente no texto, como, por exemplo, distanciamento, postura crítica, ironia etc.. Poder-se-ia dizer que se trata de rótulos parafrásticos ou 'de segunda mão' (cf. Carvalho 2005). São exemplos do que Authier (1981) denomina *conotação autonímica*, em que o discurso dobra-se sobre si mesmo para revelar as não-coincidências do dizer. Anáforas desse tipo constituem, na grande maioria dos casos, fatos de polifonia, em que o segmento objeto de menção é atribuído à voz de outro(s) enunciador(es), da qual o locutor geralmente discorda ou, pelo menos, em relação à qual deseja mostrar distanciamento. Daí, a predominância, nesses casos, do uso das aspas. Vejam-se os exemplos abaixo:

(12) Brasília — Uma das melhores frases da crise Waldomiro partiu do líder do PFL no Senado, José Agripino Maia (RN): "Com ou sem CPI, a oposição está bem alimentada para uma longa travessia".

Não fica claro se ele inclui **nessa "travessia"** algo essencial: as eleições municipais de outubro, aquelas em que o PT sonha, ou sonhava, multiplicar prefeitos do próprio partido ou de aliados pelo país afora. (Eliane Castanhede, Carne aos leões, *FSP*, 4/3/04)

(13) No começo de junho, o mundo foi contemplado com mais uma notícia corriqueira da África: a guerra civil na República democrática do Congo (ex-Zaire) matou pelo menos 1,7 milhão de seres humanos (algo como 5 por cento da população total!), apenas nos últimos dois anos. A imensa maioria das mortes foi

provocada pela fome, pestes e epidemias (malária, diarreia, meningite e pólio), que poderiam ser evitadas se o sistema sanitário e hospitalar não tivesse sido completamente destruído pela guerra. [...]

[...] A mídia internacional adora explicar que essas guerras na África são consequência de diferenças étnicas, particularmente entre os grupos hutus e tutsis, majoritários na região. Aparentemente, a **explicação** é exata. Basta lembrara guerra entre os grupos hutus e tutsis de Ruanda e Burundi, que matou pelo menos 1 milhão de seres humanos, entre abril de 1994 e maio de 1997, além de deixar centenas de milhares em miseráveis campos de refugiados, expostos a todo tipo de peste e desnutrição.

Essa explicação étnica é útil, confortável e racista. Útil, porque esconde aqueles que lucram com a guerra [...]; confortável, porque apaga as responsabilidades históricas dos países que colonizaram e dividiram a África, promoveram gigantescos e monstruosos genocídios e construíram, enfim, a imensa miséria daquele continente; racista, porque alimenta o estereótipo do negro como um ser “atrasado” e “fanático”, imerso em lutas étnicas e religiosas. (José Arbex Jr., *CAROS AMIGOS*, ano IV, no. 40, julho/2000, p.10)

3. A argumentatividade na categorização/recategorização de objetos-de-discurso

No interior de uma perspectiva enunciativa, portanto, pode-se certamente afirmar que tanto a categorização como a recategorização de um objeto-de-discurso têm função argumentativa. Ao recategorizar um objeto já categorizado anteriormente, o locutor o apresenta sob novas luzes, enquadra-o em novas categorias, procurando chamar a atenção para novas qualidades/propriedades deste que considera necessário enfatizar para a realização de seu projeto de dizer. Veja-se o exemplo abaixo:

(14) **Muito barulho por nada**

A visita de menos de 24 horas do presidente Bush ao Brasil (introdução/categorização 1) confirmou as previsões - manifestadas no editorial A retórica da 'Opep do etanol', de 27 de fevereiro - sobre **a falta de base das trepidantes expectativas de que o motivo da vinda do titular da Casa Branca seria o desejo dos Estados Unidos de formar uma portentosa parceria**

com o Brasil no setor de biocombustíveis (introdução/categorização 2). A porosidade do protocolo de intenções a esse respeito (retomada de 2 com recategorização), assinado ontem em São Paulo por Bush e o seu anfitrião Lula, deixou claro que o alarido que precedeu a chegada do mandatário americano (introdução/categorização 3) expressava, do lado de cá, uma fantasia; e, do lado de lá, mal disfarçava o real propósito político de uma viagem que começava, mas não terminaria no Brasil (retomada com recategorização de 2).

O giro de Bush pela região (retomada parcial do segmento anterior) é essencialmente a tardia tentativa de um presidente politicamente desidratado de responder às críticas, de dentro e de fora dos Estados Unidos, segundo as quais a negligência, quando não a mão pesada da sua política externa em relação à América Latina, sem falar na rigidez da política comercial, contribuiu poderosamente para a expansão do populismo do coronel Hugo Chávez (retomada com reavaliação/recategorização do parágrafo anterior). A sombra do caudilho venezuelano (retomada de Hugo Chavez, com recategorização) se projeta hoje sobre a Argentina, a Bolívia, o Equador e a Nicarágua - devidamente excluídos do roteiro que leva Bush também ao Uruguai, Colômbia, Guatemala e México. O grande complicador (rótulo prospectivo), para ele, é que os chavistas estão longe de ser os únicos a condenar o bushismo.

De mais a mais, é negligenciável a capacidade do presidente americano (retomada de Bush) de reduzir substancialmente, a esta altura de um alquebrado segundo mandato (introdução com categorização 4), o seu déficit latino-americano (retomada com recategorização do primeiro enunciado do parágrafo anterior). A Alca se fue, e é de todo improvável que o álcool seja o novo combustível de uma aliança efetiva entre os EUA e os vizinhos ao Sul. A questão de fundo (rótulo prospectivo) é que Bush não tem e não terá capital político, em seu país, que o conduza das palavras às ações. Depois de perder estrepitosamente a maioria no Capitólio, nas eleições de novembro passado, carece das condições mínimas para mexer nas regras das relações comerciais da América do Norte com a América Latina. Justiça se lhe faça, ele reconheceu abertamente essa realidade. (Editorial – *O Estado de São Paulo*-10/03/07)

Recategorização ao longo do fio do discurso

Cabe mencionar, por fim, os casos em que a categorização/recategorização do objeto-de-discurso por meio de expressões nominais não se dá na parte temática do enunciado, por ocasião de introduções/retomadas/remissões, mas sim em aposições ou no interior do rema, pelo acréscimo de novas informações a respeito do tema, ou seja, na própria seqüenciação do discurso.

Em se tratando de aposições, a (re)categorização se faz por simples justaposição da expressão nominal (re)categorizadora, como se pode ver no trecho em itálico do exemplo (7), que funciona como aposto da expressão **córtex cerebral**.

No caso dos predicativos (do sujeito e do objeto), quando representados por expressões nominais, a (re)categorização se opera no interior da predicação, isto é, no próprio fio do discurso. Observem-se no exemplo (15) as categorizações e recategorizações sofridas pelo personagem Lampião:

(15) Lampião, **o mais famoso cangaceiro do nordeste**, é uma **figura altamente controvertida**. Para uns é **um santo, pai dos pobres, grande justiceiro**. Já outros o consideram **um verdadeiro demônio, um gênio de maldade, violento e cruel**. De qualquer maneira, ele é **um dos mais importantes vultos da história dessa região de nosso país**.

Considerações finais

Por todo o exposto, fica patente a indiscutível importância das expressões nominais nos processos de construção, categorização e recategorização dos objetos-de-discurso. Sem elas, tornar-se-ia complicado dar conta de tudo aquilo que se encontra, de forma explícita ou implícita, na base referencial do texto. Assim sendo, elas são responsáveis em grande parte pelo desenvolvimento do tópico discursivo, bem como pela orientação argumentativa do texto, e, portanto, elementos cruciais na construção textual dos sentidos.

Referência Bibliográfica

— AUTHIER, J. 1981. Paroles ténues à distance. In: CONEN, B. *et al.* *Matérialités discursives*. Actes du Colloque des 24-26, avril 1980, Paris X, Nanterre, Presses Universitaires de Lille.

- CARVALHO, M. A. F. 2005. O funcionamento textual-discursivo dos rótulos em artigos de opinião. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas: IEL/Unicamp.
- CONSTEN, M.; KNEES, M. 2008. Complex Anaphors in Discourse. In: SASSEN, C.; BENZ, A.; KÜHNLEIN, P. (eds.). *Constraints in Discourse*. Amsterdam: J. Benjamins, p. 181-199.
- CONSTEN, M.; KNEES, M.; SCHWARZ-FRIESEL, M. 2007. The Function of Complex Anaphors in Texts. In: SCHWARZ-FRIESEL, M.; CONSTEN, M.; KNEES, M. (eds.). *Anaphors in Texts: Cognitive, Formal and Applied Approaches to Anaphoric reference*. Harcover: J. Benjamins.
- CONSTEN, M.; MARX, K. 2006. Komplex Anaphern — Rezeption und textuelle Funktion. In: BLÜDHORM, H.; BREINDL, E.; HERMANN, U. (orgs.). *Text Verstehen: Grammatic und darüber hinaus*. Berlin: Walter de Gruyter.
- CONTE, E. 1966. Anaphoric Encapsulation. *Belgian Journal of Linguistics: Coherence and Anaphora*, vol.10, pp.1-10.
- FRANCIS, G. 1994. Labelling discourse: an aspect of nominal-group lexical cohesion. In: M. Coulthard (ed.), *Advances in written text analysis*. London: Routledge.
- KLEIBER, G. 2001. *L'anaphore associative*. Paris: PUF.
- _____; SCHNEDECKER, C.; UJMA, L. 1994. L'anaphore associative: d'une conception à l'autre. In: SCHNEDECKER, C.; CHAROLLES, M.; KLEIBER, G. DAVID, J. (orgs.). *L'Anaphore associative*. Paris: Klincksieck, p. 5-64.
- KOCH, I. G. V. 2004. *Introdução à Linguística Textual: Trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. 2002. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez.
- _____. 2007. A estratégia metadiscursiva da rotulação. CD-room do VII Congresso Latinoamericano de Estudios del Discurso: "Horizontes do Sentido", Universidad Nacional de Colômbia, Bogotá, pp.536-542.
- _____. 1999. Referenciação: Construção discursiva. Ensaio apresentado por ocasião do concurso para Titular em Análise do Discurso do IEL/UNICAMP.
- _____.; MARCUSCHI, L. A. 1998. Processos de referenciação na produção discursiva. *D.E.L.T.A.*, vol.14, no. especial, p.169-190.
- MARCUSCHI, L. A.; KOCH, I. V. 2002 [1998]. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, M. B. (org.). *Gramática do Português Falado*, vol. VIII, Campinas: Edunicamp.
- _____. 2007 [2003]. Atividades de referenciação, inferenciação e categorização na produção do sentido. In: MARCUSCHI, L. A.

Cognição, Linguagem e Práticas Interacionais. Rio de Janeiro: Lucerna, Série Dispersos.

— MONDADA, L.; DUBOIS, D. 1995. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référentiation. In: A.Berrendonner & M-J. Reichler-Béguelin (op. cit.), p.273-302.

— MONDADA, L. 1994. *Verbalisation de l'espace et fabrication du savoir: approche linguistique de la construction des objets du discours*. Lausanne, Université de Lausanne.

— MÜSSELER, J.; RICKHEIT, G. 1990. Inferenz — und Referenz - Prozesse in der Textverarbeitung. In: FELIX, S.; KANNGIESSER, R. (eds.). *Sprache und Wissen.Studien zur kognitiven Linguistik*. Opladen: Westdeutscher Verlag, pp.71-98.

— PRINCE, E. 1981. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, P. (ed.). *Radical Pragmatics*, New York, Academic Press.

— SCHUTZ, A. 1970. *Reflections on the problem of relevance*. New Heaven: Yale University Press.